

/ PALAVRA DO LEITOR

Varejo

Os livros, antes “novos”, deveriam estar nas prateleiras, à espera dos inúmeros leitores. No entanto, a enchente mostrou uma cena chocante. Uma montanha de livros na calçada em frente à Livraria Santos, no 4º Distrito, na Zona Norte de Porto Alegre. Duas lojas foram as mais afetadas pela inundação: a da avenida Brasil, na Capital, e a localizada do Canoas Shopping (coluna Minuto Varejo, **Jornal do Comércio**, 29/05/2024). Além das vidas, uma tragédia irreparável. Bens materiais, por mais lamentável que seja, se recuperam. Mas, vidas e conhecimento (livros) são uma perda inimaginável. (Léo Josi)



JC 91 anos

Celebramos os 91 anos do Jornal do Comércio e agradecemos pelo importante apoio na informação da sociedade, especialmente em momentos críticos como o que nosso Estado vem atravessando. Seu compromisso com a verdade e a transparência fortalece nossa comunidade e nos ajuda a enfrentar desafios. (Beto Fantinel, secretário de Desenvolvimento Social)

O Jornal do Comércio é reconhecido pela credibilidade. Em 91 anos de história foi sempre confiável fonte de informação e intérprete da história do Rio Grande do Sul, valorizando o desenvolvimento e as grandes conquistas e atuando com seriedade nos momentos difíceis, como este que estamos vivenciando atualmente. Parabéns por desempenhar esse papel social com competência e qualidade. (Riberto Barbanera, presidente da CEEE Equatorial)

Ao Jornal do Comércio, nosso agradecimento por tantos anos de um jornalismo sério e comprometido com a economia gaúcha. Parabéns pelos 91 anos de história! (Alessandra Sehn, sócia-diretora da Arcádia)

Ao longo de sua trajetória, o JC desempenhou um papel fundamental em nossa sociedade, fornecendo informações precisas e relevantes. Especialmente agora, pelos desafios que nosso Estado vem enfrentando, vocês têm sido essenciais para manter a população informada e consciente sobre os acontecimentos que impactam nossas vidas. Parabéns por essa história de 91 anos! (Márcio Biolchi, deputado federal pelo MDB)

Parabéns ao Jornal do Comércio pelos 91 anos de excelência e compromisso com a verdade. Que o legado de vocês continue forte e impactante por muitos anos mais. (Marcos Rovinski, presidente do Sindicato Médico do RS)

Compromisso com a verdade e a ética têm sido marcas registradas do Jornal do Comércio ao longo desses 91 anos. Parabéns por se consolidar como voz respeitada e fonte de conhecimento para a sociedade gaúcha, especialmente no momento de tantos desafios enfrentados. Que siga adiante nessa missão! (Bruno Vallini, presidente da Ivira Incorporação e Desenvolvimento Imobiliário)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Solidariedade e política: o elo necessário

Renato Steckert de Oliveira

Numa viagem à Itália, no início de 1982, conversei com um italiano de Sorrento sobre o grande terremoto que abalou o sul da península pouco mais de um ano antes, em novembro de 1980, deixando 3 mil mortos e mais de 300 mil desabrigados.

Até então a Itália estava sectariamente dividida entre comunistas e democratas-cristãos, além de sofrer os rescaldos do terrorismo. De repente, disse ele, democratas-cristãos se viram arriscando suas vidas para salvar comunistas em meio aos escombros do terremoto e vice-versa. Isto, concluiu, foi fundamental para recompor o ambiente político do país.

Tenho pensado muito naquela conversa ultimamente. Recompor o sistema político com base numa tragédia e na solidariedade que ela desperta significa que os partidos incorporaram a solidariedade ao seu imaginário, bem como o que ela significa do ponto de vista político: um substrato de identidade comum a uma coletividade, identidade que só pode ser o resultado de uma história vivida em comum, apesar de todas as divergências e conflitos, e sobre a qual se processam os acordos e as tomadas de decisões políticas. Isso estava sendo perdido pelos italianos, e um terremoto os despertou.

Acho que é o que nos falta. “Nossa” História, ao invés de ser vivida, na nossa memória coletiva, como algo comum, mais parece um abismo

a separar os distintos grupos que compõem a sociedade, e a permanente disposição revisionista sobre seus principais símbolos (até o hino!) mostra antes de tudo um permanente sentimento de dessolidarização, que talvez não seja derrotado por essa emergência temporária da solidariedade, posto que ela não alcançará a política.

Não estou querendo dizer que deveríamos passar o pano sobre as indizíveis brutalidades que marcaram e ainda marcam a nossa História. Assim como não podemos fazer vista grossa sobre eventuais irresponsabilidades na gestão das condições que poderiam minorar a tragédia humana das cheias - como os italianos não o fizeram depois do terremoto! A questão é saber onde vamos encontrar nossa identidade comum como sociedade, recompondo nossa vida política e dando perenidade à solidariedade que a tragédia das cheias despertou. Ou, talvez, nem bem baixadas as águas, não nos reste outro caminho senão o confronto e a violência de sempre.

Ex-secretário de Estado de Ciência e Tecnologia do RS, sociólogo e professor da Ufrgs

Uma das questões é saber onde vamos encontrar nossa identidade comum como sociedade

O tempo e a crítica

Giulia Baretta Axelrud

Desde o primeiro final de semana de maio, o tempo anda diferente aqui no Rio Grande do Sul. Além da chuva, que caiu quase sem trégua, os relógios passaram a andar muito rápido para alguns e muito devagar para outros.

Muito rápido para quem tentou fugir da enchente só com a roupa do corpo. Muito devagar para quem esperou o resgate com a família no telhado. A desesperança só não foi maior graças aos milhares de voluntários que abdicaram do próprio tempo para se dedicar aos outros.

Agora, como em um domingo que não termina, o sentimento é de ansiedade pelo dia seguinte. Em Porto Alegre, o tempo praticamente parou. Mais de vinte dias depois do início das cheias, as pessoas ainda esperavam em câmera lenta o Guaíba baixar e a água chegar às torneiras. Centenas de milhares esperam voltar para casa ou recomeçar suas vidas. Empresas estão inundadas, esperando para saber se vai ter maquinário ou estoque.

Mas, mesmo com tantas coisas fora do controle, a passividade não é natural para esse povo, como já

vimos no ano passado com a construção da ponte pela população em Nova Roma do Sul.

Desta vez, heróis anônimos estão por todos os lados, doando até aquilo que pode fazer falta na própria casa. Em Três Coroas, as pessoas se uniram para arrumar uma fábrica de calçados, que já voltou a produzir. Em Santa Catarina, comunidades “adotaram” cidades gaúchas para a reconstrução.

Os inúmeros elogios aos cidadãos e as incômodas críticas ao governo são mais do que justos. Tem especial direito à crítica um povo que constrói pontes por conta própria, enquanto o Estado fracassa na simples manutenção de bombas e comportas.

O que houve aqui não foi inédito, aconteceu em 1941 e, uma amostra, em 2023. Mas não deu tempo (sim, o tempo!) de revisar o sistema e planejar alternativas, mesmo havendo tecnologias suficientes para que a tragédia não fosse tão grande.

Como não se perguntar o que fazia o Estado nesse período?

Agora o tempo que não foi devidamente usado por quem era responsável é duramente tirado da população. Serão anos de recuperação, além da perda incalculável das vidas que se foram.

Felizmente, conformar-se nunca foi uma opção para o gaúcho. Os tempos andam diferentes no Rio Grande do Sul, acima de tudo, porque é hora de reconstrução. É tempo de quem faz, e nada mais.

CEO da Snaq, associada honorária e ex-presidente do Instituto de Formação de Líderes (IFL)